



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ANNA VICTÓRIA SOUTO LESSA

DIÁRIO DE BITITA NA SALA DE AULA: MEMÓRIA, LITERATURA E HISTÓRIA
NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

RECIFE

2025

ANNA VICTÓRIA SOUTO LESSA

**DIÁRIO DE BITITA NA SALA DE AULA: MEMÓRIA, LITERATURA E HISTÓRIA
NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão de curso (formato artigo - relato de experiência) apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Victor Silva.

RECIFE

2025

ANNA VICTÓRIA SOUTO LESSA

**DIÁRIO DE BITITA NA SALA DE AULA: MEMÓRIA, LITERATURA E HISTÓRIA
NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

Banca Examinadora

orientador: Prof. Dr. Lucas Victor Silva (UFRPE)

examinadora externa: Profa. Dra. Adriana Maria Paulo da Silva (UFPE)

examinadora externa: Profa. Dra. Danielle Cristine Camelo Farias (UFPB)

Recife, 19 de março de 2025

DIÁRIO DE BITITA NA SALA DE AULA: MEMÓRIA, LITERATURA E HISTÓRIA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Anna Victória Souto Lessa

Resumo

O presente artigo apresenta uma experiência desenvolvida no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP) na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Silva Jardim, com foco na proposta efetivada na disciplina eletiva do Ensino Médio “Diário de Bitita: Identidade e Memória”. A proposição teve como objetivo explorar a intersecção entre Literatura e História, utilizando a obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, como instrumento para reflexão sobre identidade, memória, desigualdade social, racismo e gênero no Brasil. A metodologia adotada incluiu análise textual, debates, dinâmicas interativas e práticas artísticas, como teatro-fórum e produção de histórias em quadrinhos. Os resultados indicam que a abordagem possibilitou um engajamento significativo dos estudantes, promovendo debates críticos e a valorização de memórias e identidades historicamente marginalizadas. No entanto, desafios estruturais impostos pelo Novo Ensino Médio e a fragmentação curricular foram identificados como limitações ao aprofundamento dos conteúdos. Conclui-se que o PRP é uma ferramenta essencial para a formação docente, proporcionando experiências que fortalecem o ensino de História em uma perspectiva crítica e inclusiva.

Palavras-chave: Ensino de História; Programa Residência Pedagógica; Literatura e História; Memória; Carolina Maria de Jesus.

Bitita's Diary in the Classroom: Memory, Literature, and History in the Pedagogical Residency Program

Anna Victória Souto Lessa

Abstract

This article presents an experience developed within the scope of the Pedagogical Residency Program (PRP) at Silva Jardim Reference School of Secondary Education (EREM), focusing on the elective course "Bitita's Diary: Identity and Memory." The aim of the proposal was to explore the intersection of Literature and History, using the work *Diário de Bitita* by Carolina Maria de Jesus as a tool for reflection on identity, memory, social inequality, racism, and gender in Brazil. The adopted methodology included text analysis, debates, interactive dynamics, and artistic practices such as forum theatre and comic book production. The results indicate that the approach led to significant student engagement, fostering critical debates and valuing historically marginalized memories and identities. However, structural challenges posed by the New High School curriculum and curricular fragmentation were identified as limitations to deepening the content. It is concluded that the PRP is an essential tool for teacher training, providing experiences that strengthen History teaching from a critical and inclusive perspective.

Keywords: History Teaching; Pedagogical Residency Program; Literature and History; Memory; Carolina Maria de Jesus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA.....	8
A ESCOLA-CAMPO.....	10
A INTERVENÇÃO.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
REFERÊNCIAS.....	22
ANEXO. Regras para submissão da Revista História Hoje.....	24

INTRODUÇÃO

A experiência no Programa de Residência Pedagógica (PRP) representa uma oportunidade ímpar para a formação docente, permitindo a articulação entre teoria e prática no contexto escolar. Esse programa visa à imersão dos licenciandos no ambiente educacional, possibilitando a aplicação dos conhecimentos adquiridos na graduação e a vivência dos desafios cotidianos da docência. Nesse sentido, o PRP se configurou como um espaço privilegiado para a construção de práticas pedagógicas inovadoras e reflexivas, essenciais para a formação de professores críticos e engajados.

O presente artigo relata uma experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do deste programa, realizada na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Silva Jardim, com foco na disciplina eletiva “Diário de Bitita: Identidade e Memória”. A proposta, orientada pela professora preceptora Cristiana Cordeiro, buscou explorar a interseção entre Literatura e História, utilizando a obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, como eixo central para reflexões sobre identidade, memória, desigualdade social, racismo e gênero no Brasil. A iniciativa surgiu em um contexto marcado pelas transformações impostas pelo Novo Ensino Médio (NEM), instituído pela Lei n. 13.415/2017, que, ao mesmo tempo em que fragmenta o currículo, abre espaço para disciplinas eletivas como momentos de aprofundamento e reflexão crítica.

A escolha da obra de Carolina Maria de Jesus justificou-se não apenas por sua relevância literária, mas também por seu potencial para dialogar com a Lei n. 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas. A narrativa autobiográfica de *Diário de Bitita* oferece um olhar singular sobre as condições de vida no Brasil pós-abolição, permitindo aos estudantes refletir sobre as raízes das desigualdades raciais e sociais no país. Além disso, a obra se insere em um debate historiográfico mais amplo, que reconhece a Literatura como uma fonte privilegiada para a compreensão de valores, mentalidades e conflitos de uma época, conforme destacado por Sandra Jatahy Pesavento (2012).

A metodologia adotada na eletiva combinou análise textual, debates, dinâmicas interativas e práticas artísticas, como teatro-fórum e produção de histórias em quadrinhos, buscando promover um engajamento crítico-reflexivo nos assuntos da disciplina. O engajamento diante dos conceitos históricos é o de tornar o passado vivo, presente nas discussões. Os resultados indicam que a abordagem não apenas estimulou a participação dos alunos, mas também fomentou reflexões críticas sobre temas como racismo, gênero e

exclusão social, valorizando memórias e identidades historicamente marginalizadas. Os desafios estruturais impostos pelo NEM, como a fragmentação curricular e a falta de tempo para aprofundamento, limitam o pleno desenvolvimento da proposta. No entanto, as experiências com as Eletivas conduzidas pela professora Cristiana Cordeiro emergem como espaços de autonomia docente, permitindo a exploração de temas essenciais da história.

Este artigo, portanto, busca compartilhar uma experiência que evidencia o potencial do PRP como ferramenta para a formação docente, destacando a importância de práticas pedagógicas que integrem Literatura e História em uma perspectiva crítica e inclusiva. Ao mesmo tempo, problematiza os desafios enfrentados no contexto do Novo Ensino Médio, propondo reflexões sobre como superar essas barreiras para garantir uma educação que valorize a diversidade e promova a justiça social.

O referencial teórico deste estudo fundamentou-se em autores que discutem a formação docente e o ensino de História, destacando a relação entre teoria e prática e a importância de metodologias ativas no processo de ensino-aprendizagem. A formação docente crítica é abordada a partir das contribuições de Circe Bittencourt, que enfatizam a construção do conhecimento histórico pelos estudantes e o papel do professor como mediador desse processo. Em *O Saber Histórico na Sala de Aula*, Bittencourt (2003) analisa a importância das estratégias pedagógicas no ensino de História, ressaltando que o aprendizado vai além da mera transmissão de conteúdos, exigindo a participação ativa dos alunos.

Essa abordagem dialogou com as reflexões apresentadas no artigo "Conexões entre escola e universidade: o PIBID e as estratégias de residência docente" (Seffner et al., 2015), no qual os autores discutem a relação entre a cultura escolar e a residência docente. Eles destacam que a disciplina de História possui uma trajetória própria, influenciada tanto pelos contextos escolares e extraescolares quanto pelas finalidades atribuídas a ela, sendo as disciplinas acadêmicas espaços de autonomia docente que dependem das interações entre professores e alunos para se consolidarem. Permite também uma melhor compreensão das culturas juvenis, valores e interesses, o que permite pensar a função do Ensino de História nos tempos atuais.

A experiência pedagógica desenvolvida também dialogou com as reflexões de Maurice Tardif (2002) sobre a diversidade dos saberes docentes e sua relação com a prática profissional. Tardif destaca que a formação de professores deve considerar tanto o conhecimento acadêmico quanto a experiência adquirida na sala de aula, o que reforça a relevância do Programa Residência Pedagógica (PRP) como um espaço de aprendizado e

desenvolvimento profissional. Nesse sentido, as diretrizes da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (BRASIL, 2018) para a Residência Pedagógica são fundamentais para compreender os objetivos e desafios desse modelo de formação.

No que diz respeito à cultura escolar, este trabalho apoia-se na análise de Dominique Julia (2001), que conceitua a escola como um espaço social de transmissão e negociação de saberes e regras de funcionamento e influenciado por fatores históricos. A compreensão da cultura escolar permite avaliar as dinâmicas de ensino-aprendizagem e refletir sobre as possibilidades de inovação metodológica dentro do ambiente escolar.

A relação entre História e Literatura, essencial para a abordagem desenvolvida na eletiva "Diário de Bitita: Identidade e Memória", é analisada com base nas reflexões de Sandra Pesavento (2012) e Valdeci Rezende Borges (2010). Pesavento destaca que a literatura não apenas representa o real, mas também serve como fonte privilegiada para a leitura do imaginário e das experiências sociais de diferentes épocas. Borges, por sua vez, argumenta que a literatura e a história compartilham uma preocupação com a construção da memória e da identidade, possibilitando novos olhares sobre o passado. Essas perspectivas foram essenciais para a análise da obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus e sua relevância como documento histórico e literário.

Além disso, a relação entre memória e identidade, fundamental para a compreensão da obra de Carolina Maria de Jesus, é sustentada pelos estudos de Jacques Le Goff (1990) e Romildo Neves Júnior (2021). Le Goff enfatiza que a memória coletiva é tanto um instrumento quanto um objeto de poder, sendo constantemente disputada e ressignificada ao longo do tempo. Neves Júnior, ao analisar *Diário de Bitita*, evidencia como a narrativa da autora permite reconstruir a história das classes populares e compreender os mecanismos de exclusão social no Brasil.

Por fim, as análises sobre o teatro como ferramenta pedagógica foram fundamentadas nas ideias de Augusto Boal (2007), especialmente no conceito de teatro-fórum como estratégia de conscientização e transformação social.

Este texto dialoga com o gênero textual relato de experiência e é embasado em reflexões teóricas já comentadas e na observação e na análise das atividades desenvolvidas durante a participação no PRP. Foram considerados aspectos como planejamento de aulas, interação com os alunos, dificuldades encontradas e estratégias adotadas para superá-las. A abordagem qualitativa permite compreender as implicações da prática docente no

desenvolvimento profissional dos residentes e no aprendizado dos alunos, contribuindo para uma reflexão mais aprofundada sobre o papel da residência pedagógica na formação inicial de professores de História.

O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

A valorização e a formação de professores têm sido temas centrais nas políticas educacionais brasileiras, especialmente diante dos desafios de melhorar a qualidade da educação básica. Em resposta a essas demandas, o Ministério da Educação (MEC) instituiu, em 2017, uma política nacional que busca alinhar a formação docente aos objetivos do Plano Nacional de Educação (PNE). Essa política visa desde a criação de uma base comum para a formação de professores até o fortalecimento do acesso e da qualidade na formação inicial e continuada.

Nesse contexto, o Programa Residência Pedagógica (PRP) foi criado em 2018, sendo uma das iniciativas estratégicas do Ministério da Educação (MEC), desenvolvido em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este programa apresenta uma abordagem diferenciada para a formação docente. No mesmo ano, a CAPES lançou o edital nº 06/2018, que propôs o PRP com o objetivo de incentivar projetos inovadores que integrem teoria e prática nos cursos de licenciatura. Esses projetos são desenvolvidos em articulação com as redes públicas de educação básica, reforçando o compromisso com uma formação mais sólida e conectada às demandas reais das escolas (p. 1). Além disso, o PRP objetiva:

I. Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnóstico sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;

III. Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores; (BRASIL, 2018, p. 1, grifo nosso).

Diante disso, é possível perceber que o edital destaca a aproximação entre a formação inicial e a formação continuada, mobilizando diversos atores e estreitando a parceria entre

escola e universidade. A vivência do cotidiano escolar proporciona ao futuro professor uma experiência direta com a complexidade da prática pedagógica, indo além da simples observação do funcionamento da escola para envolver-se ativamente em suas rotinas e desafios. Pois os docentes orientadores constroem pontes entre as experiências dos preceptores, docentes experientes em ação nas salas de aula, e as expectativas dos jovens aprendizes licenciandos. A dupla tutoria, conduzida conjuntamente por um professor da escola e um docente universitário, garante um acompanhamento integral, promovendo um diálogo contínuo entre teoria e prática. Esse processo enriquece a formação docente e impulsiona a constante reelaboração das práticas pedagógicas, alinhando-as às demandas e especificidades do ambiente escolar.

Esse processo de vivência e imersão nas atividades profissionais futuras proporciona ao licenciando a oportunidade de sair de sua “zona de conforto”, restrita à sala de aula da universidade e adentrar o ambiente escolar em sua totalidade. Ao vivenciar a rotina escolar, o futuro docente tem a chance de se envolver não apenas com o conteúdo curricular, mas também com a dimensão social, cognitiva, humana e afetiva da educação. Essa experiência, como destacam Santos et. al (2024), é essencial para a construção da profissionalidade do docente, pois permite a interação direta com os alunos, a compreensão de suas realidades e o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais conectadas com as necessidades do contexto escolar, ampliando a formação teórica adquirida na universidade.

A implementação do PRP na Instituição de Ensino Superior (IES) é feita a partir da apresentação de um Projeto Institucional, desenvolvido por um coordenador institucional, para posteriormente incluir os subprojetos que correspondem aos núcleos (cursos de licenciatura). O subprojeto de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) visava promover a articulação entre teoria e prática, integrando conhecimentos históricos e didático-pedagógicos na formação do licenciando. Na obra “Saberes docentes e formação profissional”, o educador canadense Maurice Tardif analisa a complexidade da docência, pois é um ofício que depende de uma articulação de saberes diversos: os saberes disciplinares, pedagógicos, curriculares e experienciais (Tardif, 2002, p.36). Por isso, para superar a fragmentação entre a formação disciplinar e a pedagógica, a residência pedagógica constitui-se como um espaço de exercício da diversidade dos saberes docentes.

Dominique Julia (2001), no artigo “A cultura escolar como objeto histórico” define a cultura escolar como um conjunto de normas que determinam os conhecimentos a serem ensinados e as condutas a serem aprendidas, além das práticas que garantem o ensino e a

aprendizagem desses comportamentos. Ele argumenta que a cultura escolar não pode ser estudada sem analisar as relações, sejam elas conflituosas ou pacíficas, que mantém com as culturas contemporâneas, como a religiosa, política ou popular. (Julia, 2001, p. 10). Essas discussões ressaltam a importância de compreender a cultura escolar como um fenômeno dinâmico, moldado por diversos contextos e interações, e a necessidade de considerar essas influências na formação docente e na prática pedagógica.

Logo, umas das formas de promover novas articulações entre teoria e prática e entre os conhecimentos históricos e os didático-pedagógicos no processo formativo do licenciando é investigar a escola a partir do conceito de cultura escolar e valorizar a consideração das culturas escolares nas atividades próprias da docência. Nesse contexto, utilizar o conceito de cultura escolar no PRP auxiliou professores e pesquisadores a compreender as influências dos diferentes contextos sobre a escola, permitindo analisar como resistências e tensões impactam a sala de aula.

A ESCOLA-CAMPO

A experiência ocorreu na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Silva Jardim, situada no bairro do Monteiro, no Recife. Recebe este nome em homenagem a Antônio da Silva Jardim, escritor brasileiro, professor, político, advogado abolicionista e republicano. A partir do Decreto 3131-0 de 11 de janeiro de 2008, a escola integrou-se ao Programa de Ensino Integral de Pernambuco - SEEP. É uma escola de nível Médio Integral de Referência no Estado que segue a lógica do Novo Ensino Médio (NEM) implantado pelo Governo Federal na gestão anterior.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da EREM Silva Jardim segue a Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Nº9394/96 art. 20) constituindo-se de ações voltadas para a educação, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o mercado de trabalho. O PPP está alinhado com a Proposta Curricular do Estado de Pernambuco e os Parâmetros Curriculares Nacionais, sendo assim uma construção coletiva contendo objetivos e metas que orientará as ações pedagógicas, administrativas e financeiras da instituição.

A proposta metodológica está centrada na realidade social do aluno e no contexto escolar, no qual estão elencados alguns pontos de ação, dentre eles, o acompanhamento socioeducativo dos jovens; práticas e vivências de desenvolvimento do protagonismo juvenil e construção do projeto de vida; desenvolvimento de atividades interdisciplinares; e o

oferecimento de disciplinas eletivas na parte diversificada do currículo (Projeto Político Pedagógico, Erem Silva Jardim, 2017, p. 12).

Durante o período de inserção na escola, foi possível observar como essa relação entre cultura escolar e ensino de História se manifesta na prática, especialmente na aplicação do Projeto Político-Pedagógico (PPP). Os projetos de ação didático-pedagógicos dão respostas aos desafios concretos que a escola apresenta a cada dia. A professora preceptora Cristiana Cordeiro coordena diversas atividades curriculares que conectam os conteúdos históricos à vivência e à cultura dos estudantes. Entre os temas trabalhados, destacam-se a história dos povos africanos e indígenas no Brasil, gênero e sexualidade, educação e trabalho, proporcionando uma ampliação da visão social dos alunos e consolidando um ensino de História que dialoga com sua realidade e identidade.

A professora Cristiana Cordeiro também desempenha um papel fundamental na escola por meio de iniciativas de grande relevância. Entre elas, destaca-se o Núcleo de Estudos de Gênero Wilma Lessa, fundado há mais de 10 anos como resultado de seu compromisso social com a abordagem de temas essenciais no ambiente escolar. O núcleo promove encontros semanais para debater questões como gênero, sexualidade, machismo, homofobia e transfobia, além de participar de eventos que vão além dos muros da escola.

Em junho de 2023, o núcleo realizou o evento do Orgulho LGBTQIAP+, que contou com a participação de diversas instituições e órgãos, incluindo a Seduc-PE, a Aliança Nacional LGBTI+ de Pernambuco, a OAB e a UFRPE, representada pelos residentes do subprojeto de História. O evento foi um grande sucesso, mobilizando a maioria dos estudantes, incluindo egressos.

O evento da Consciência Negra, realizado em novembro sob a coordenação da professora Cristiana Cordeiro, desempenha um papel fundamental para a comunidade. Em 2023, a escritora Inaldete Pinheiro foi a homenageada e participou ativamente das atividades. A programação contou com oficinas que abordaram temas essenciais, como educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa, políticas de saúde para a população negra, religiões de matriz africana, valorização da estética negra e saúde mental. Além disso, o evento trouxe uma rica diversidade de apresentações culturais, incluindo danças, slams, capoeira e a performance do Maracatu Ogum Onilê.

A INTERVENÇÃO

A experiência em tela envolveu estudantes do 2º ano do Ensino Médio engajados na disciplina eletiva intitulada "Diário de Bitita: Identidade e Memória". As aulas foram conduzidas semanalmente, com uma duração de 2 horas cada, ao longo de um semestre letivo. O objetivo primordial era utilizar a obra de Carolina Maria de Jesus como uma ferramenta para explorar e debater questões pertinentes à identidade, memória, desigualdade social, gênero e racismo, situando-as dentro do contexto histórico brasileiro das décadas de 1920 a 1940.

O Novo Ensino Médio (NEM), instituído pela Lei n. 13.415/2017, tem provocado uma série de mudanças profundas na dinâmica educacional. Tanto para estudantes quanto para professores, as disciplinas eletivas despontam como instantes formativos presentes nos itinerários. Estendendo-se ao longo de um semestre, essas disciplinas representam um desafio complexo para os educadores, exigindo deles a habilidade de conceber um currículo generalizante que abranja sua área de conhecimento. Em contraposição ao movimento de fragmentação e simplificação que tem sido observado na formação dos estudantes sob o âmbito do NEM, as eletivas ministradas pela professora preceptora Cristiana Cordeiro se destacam como espaços de profunda reflexão sobre temáticas históricas e sociais de relevância, permeadas por uma abordagem crítica e engajada.

Dessa forma, sob a orientação da professora preceptora Cristiana Cordeiro, do núcleo da Escola Silva Jardim, foi apresentada a proposta de desenvolver uma eletiva que explorasse os conceitos de identidade, memória e a interseção entre Literatura e História. Esse trabalho, além de representar um desafio estimulante, revelou-se uma oportunidade singular de engajar os alunos em debates instigantes e reflexões profundas sobre sua própria trajetória e a tessitura social na qual estão inseridos.

A seleção do tema a ser abordado na disciplina resultou de um processo colaborativo, no qual os residentes e a professora preceptora participaram ativamente de debates e reflexões conjuntas. Os estudantes do núcleo EREM Silva Jardim foram organizados em duplas para conduzir as regências em diferentes eletivas. A eletiva *Diário de Bitita* ficou sob a responsabilidade da autora deste texto e do residente Pedro Chaves. A justificativa para a escolha dessa obra da renomada escritora Carolina Maria de Jesus deveu-se à sua riqueza textual, que oferece amplos recursos para valorizar as trajetórias e experiências negras no contexto brasileiro. A eletiva também se justifica com base nas Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que determinam a obrigatoriedade da inclusão da história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares, conforme estabelecido pela Lei 10.639/2003.

No currículo de Pernambuco, a habilidade (EM13CHS503HI15PE) propõe a análise e compreensão das relações de dominação e resistência, evidenciando os conflitos e negociações entre diferentes grupos sociais, culturais, territoriais, religiosos, étnico-raciais, de gênero, de orientação sexual e de idade, comparando distintos contextos históricos. Essa abordagem permite que os estudantes desenvolvam um olhar crítico sobre as dinâmicas de poder e exclusão ao longo da história, compreendendo como esses processos moldam a sociedade.

Na disciplina Diário de Bitita, baseada na autobiografia de Carolina Maria de Jesus, essa habilidade se torna central para refletir sobre a trajetória da autora e os desafios enfrentados por mulheres negras no Brasil. A obra expõe as desigualdades sociais e raciais, revelando as estratégias de resistência de indivíduos marginalizados. Ao estudar esse relato, os alunos podem estabelecer conexões entre diferentes períodos históricos, identificando padrões de exclusão e luta por direitos que se repetem e se transformam ao longo do tempo.

Além disso, a BNCC incentiva a problematização dos processos históricos, permitindo que os estudantes reconheçam a agência dos sujeitos históricos na construção de suas trajetórias. A análise das experiências de Carolina Maria de Jesus possibilita debates sobre os mecanismos de dominação e as formas de resistência adotadas por grupos subalternizados, contribuindo para uma compreensão mais ampla das desigualdades estruturais que persistem na sociedade.

Ademais, a relação entre História e Literatura é um tema recorrente nos debates historiográficos, evidenciando como ambas as áreas se entrelaçam na construção de narrativas sobre o passado, a sociedade e as subjetividades. A Literatura, ao representar experiências individuais e coletivas, permite um olhar mais sensível sobre os valores, mentalidades e inquietações de determinada época, funcionando como uma importante fonte para a História. Nesse sentido, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento (2012) destaca a capacidade dessas duas formas de conhecimento de não apenas representar o real, mas também de explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro.

Segundo a historiadora, a História e a Literatura são capazes de:

[...] explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro. São ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. A literatura

permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos [...]. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (Pesavento, 2012, p. 81-82)

A escolha de trabalhar especificamente com a obra "Diário de Bitita" (1977) foi impulsionada pela oportunidade de estimular debates profundos sobre as condições de vida da autora, permitindo que os estudantes elaborassem suas próprias conjecturas acerca das raízes da desigualdade racial e social no Brasil. Em cada aula, foi realizada uma análise crítica da contextualização histórica do pós-abolição e da conjuntura na qual Carolina Maria de Jesus viveu suas experiências.

A literatura tem um papel fundamental na ampliação das vozes historicamente silenciadas, permitindo a reconstrução de narrativas a partir de perspectivas marginalizadas. A obra de Carolina Maria de Jesus, marcada por sua escrita potente e testemunhal, oferece um olhar singular sobre as desigualdades sociais, os preconceitos e as exclusões enfrentadas pelas camadas populares. Nesse sentido, Romildo Neves (2021) destaca a importância de sua literatura como uma ferramenta para a compreensão crítica da organização social brasileira e das dificuldades vivenciadas pelos mais pobres, revelando os estigmas que os acompanham. Segundo o autor, a obra *Diário de Bitita* abre caminhos para:

[...] acessar e reconstruir, por meio de seu olhar como escritora negra e semianalfabeta, um mundo cercado de desigualdades sociais e permeado por preconceitos e exclusões, é dar abertura para o entendimento crítico de como se organiza nossa sociedade, que relações se estabelecem em seu interior e que mazelas enfrentam as classes pobres, inclusive os vários estigmas" (Neves, 2021, p. 16)

Dessa forma, o exercício contínuo de análise da obra durante as aulas da eletiva teve como propósito primordial promover a reflexão e problematização de questões cruciais como gênero, racismo e exclusão social, além de servir como um espelho da nossa história e sociedade brasileira, especialmente no contexto interiorano, entre as décadas de 1920 e 1940. Além disso, a eletiva proporcionou uma plataforma para investigação da formação de identidades e sua interação com os intrincados enlacs da história e da memória.

Ao longo das aulas, foram promovidos debates sobre os temas explorados na obra "Diário de Bitita", com especial ênfase nas questões relacionadas às desigualdades sociais, ao racismo e à violência de gênero. Foi notável o envolvimento da maioria dos estudantes nessas discussões, o que surpreendeu a professora preceptora. Destaca-se que até mesmo alunos que

anteriormente não participavam das aulas se engajaram nos debates, compartilhando suas vivências e identificando-se com aspectos da obra de Jesus.

Nesse contexto, a obra "Diário de Bitita", uma narrativa de caráter autobiográfico, revela um potencial imenso para ser explorado em sala de aula, pois não apenas aborda questões relevantes para a sociedade como um todo, mas também estabelece uma conexão profundamente fecunda entre história e literatura.

Dessa forma, a obra não só oferece uma perspectiva rica e multifacetada do contexto social em que se insere, mas também se apresenta como um instrumento poderoso para explorar a historicidade das experiências humanas e suas interações com os aspectos culturais e simbólicos da sociedade.

A interdisciplinaridade, como argumenta Minayo (2010), se configura como uma abordagem necessária para compreender o mundo de maneira mais ampla e complexa, pois nenhuma disciplina sozinha é capaz de abarcar todas as dimensões da realidade. Esse conceito se torna particularmente relevante quando pensamos na articulação entre História e Literatura, áreas que, embora distintas, podem se enriquecer mutuamente na construção do conhecimento. A literatura oferece uma janela para compreender as experiências humanas em suas mais variadas formas, possibilitando uma reflexão sobre o contexto social e histórico de diferentes períodos. Assim, a prática interdisciplinar entre História e Literatura permite que o docente e o aluno se envolvam em uma investigação mais profunda, na qual o saber histórico é ampliado e problematizado a partir das narrativas literárias, e vice-versa. Nesse processo, as disciplinas não são apenas sobrepostas, mas integradas, contribuindo de maneira complementar para a formação crítica e reflexiva do estudante, como propõe Minayo (2010), que enfatiza a importância da articulação de saberes para abordar objetos de pesquisa complexos.

Em *Diário de Bitita*, Carolina Maria de Jesus constrói uma narrativa que resgata memórias individuais e coletivas, revelando as desigualdades e opressões vividas pelas camadas populares e, especialmente, pela população negra no Brasil. . Ao registrar suas experiências e percepções sobre a sociedade, Carolina não apenas afirma sua própria identidade, mas também contribui para a construção de uma memória coletiva que desafia as narrativas hegemônicas. Seu testemunho, antes restrito à oralidade, ganha força na escrita, tornando-se um instrumento de resistência e reivindicação, evidenciando a luta pela preservação e valorização das histórias marginalizadas.

A dinâmica das aulas era variada, não se limitando apenas à leitura dinâmica de capítulos da obra. Durante as sessões, exploramos os aspectos históricos, sociais e políticos abordados na obra, mas também buscamos constantemente introduzir novas metodologias para enriquecer a experiência dos alunos. Isso incluía dinâmicas interativas, produção de histórias em quadrinhos (HQs), exibição de documentários, criação artística de árvores genealógicas da família de Bitita, prática de teatro-fórum, análise de músicas, realização e apresentação de peças teatrais, e até mesmo a escrita de cartas, proporcionando assim uma abordagem multidisciplinar e participativa ao aprendizado.

Uma das atividades centrais desenvolvidas ao longo da eletiva consistiu na construção da árvore genealógica da família de Carolina Maria de Jesus, com base na leitura da obra no capítulo “A Família”. Essa proposta teve como objetivo despertar nos estudantes uma compreensão mais profunda sobre os processos de socialização durante a infância, analisando o papel da família como núcleo formador de valores, identidades e experiências. Por meio da investigação das origens familiares da autora, os alunos foram convidados a refletir criticamente sobre as condições sociais, econômicas e culturais que marcaram sua trajetória, situando-as no contexto mais amplo do Brasil da primeira metade do século XX. A atividade favoreceu o desenvolvimento de habilidades interpretativas e analíticas, ao mesmo tempo em que permitiu o diálogo com as vivências dos próprios estudantes, promovendo um exercício de memória crítica e reconhecimento da diversidade de experiências infantis ao longo do tempo. A elaboração do mapa genealógico também possibilitou a identificação das marcas da exclusão social e do racismo estrutural enfrentados por Carolina e sua família, reforçando a importância de compreender as continuidades e rupturas nas relações sociais e institucionais que moldam a infância na sociedade contemporânea.

Figura 1. Atividade árvore genealógica da Família de Bitita



Fonte: Anna Lessa, 2022.

Uma das aulas que se destacou pela sua significância foi a prática do teatro-fórum, uma abordagem que busca promover a compreensão do método do Teatro do Oprimido e sua relevância no processo de aprendizagem. Durante essa atividade, os alunos foram incentivados a atuar sobre uma cena extraída do livro "Diário de Bitita" e a analisar como ela retrata as experiências dos corpos negros nos espaços públicos.

O *teatro-fórum* se distingue de outras técnicas de teatro interativo por seu objetivo político de emancipação humana e social. Ele se baseia em dois princípios fundamentais: a transformação do espectador em protagonista da ação teatral e a tentativa de, por meio dessa transformação, efetuar mudanças na sociedade, não apenas interpretá-la (Boal, 2007, p. 319). Essa metodologia permite que os participantes experimentem diferentes perspectivas e reflitam criticamente sobre as estruturas de poder e opressão presentes no cotidiano.

Durante a aula, os alunos foram incentivados a criar novas formulações da cena, considerando cuidadosamente os papéis sociais de cada personagem. Na cena em questão, estavam presentes: Bitita, a mãe, uma criança que perpetuava o racismo contra Bitita e o pai dessa criança, uma figura proeminente na cidade. O exercício exigiu que os estudantes analisassem não apenas as ações individuais dos personagens, mas também os contextos sociais e históricos que sustentam as desigualdades e violências raciais. O envolvimento direto na encenação fez com que os alunos compreendessem, na prática, como o racismo é reproduzido e quais são os desafios de enfrentá-lo.

Essa abordagem não apenas aprofundou a compreensão das questões exploradas na obra, mas também promoveu um engajamento ativo dos alunos na busca por soluções para os desafios sociais apresentados na cena. Ao testar diferentes possibilidades de resposta ao conflito, os estudantes puderam debater coletivamente estratégias para combater a discriminação racial e construir alternativas mais justas para a convivência social. Esse processo de reflexão crítica permitiu que os alunos se colocassem no lugar dos personagens e experimentassem as dificuldades de se posicionar diante de uma situação de injustiça.

Uma das lições mais impactantes ocorreu quando um aluno destacou a facilidade de interpretar o agressor, contrastando com a dificuldade de reagir como vítima do racismo. Esse momento revelou a complexidade da experiência vivida por aqueles que enfrentam a discriminação, evidenciando a importância do fortalecimento da autoestima e da consciência crítica para o enfrentamento dessas situações. Além disso, a atividade demonstrou como o *teatro-fórum* pode ser uma ferramenta poderosa para a formação cidadã, estimulando o

pensamento crítico, a empatia e o protagonismo dos estudantes na construção de uma sociedade mais igualitária.

Um momento de grande importância foi a abertura da Semana da Consciência Negra realizada no final de novembro de 2023, onde tivemos a oportunidade de prestar homenagem à escritora Inaldete Pinheiro. Esse evento não apenas celebrou a contribuição da autora para a literatura e a memória da população negra, mas também proporcionou um espaço de diálogo enriquecedor entre os alunos e as convidadas. A iniciativa partiu da nossa professora preceptora, que organizou uma roda de conversa com Inaldete Pinheiro e Odailta Alves, destacando suas trajetórias enquanto mulheres negras, escritoras e militantes da cultura afro-brasileira. Durante a conversa, ambas compartilharam experiências de resistência, desafios enfrentados no campo literário e educacional, além da importância da preservação das memórias e histórias da população negra no Brasil. O encontro foi marcado por momentos de grande reflexão, nos quais os alunos puderam questionar e dialogar diretamente com as autoras, estabelecendo conexões entre a literatura, a identidade e a luta por igualdade racial.

Além da roda de conversa, outro ponto alto do evento foi a apresentação teatral baseada nas obras *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, e *Uma Aventura do Velho Baobá* (2022), de Inaldete Pinheiro. O roteiro, elaborado pelo residente Pedro Chaves, adaptou trechos dessas narrativas para o teatro, criando cenas que enfatizavam a luta contra o racismo, a resistência das mulheres negras e a importância da ancestralidade. Os alunos se envolveram ativamente no processo de montagem, desde os ensaios até a construção dos cenários e figurinos, demonstrando não apenas dedicação, mas também um profundo interesse pelos temas abordados. Durante a encenação, a emoção foi palpável, e muitos espectadores relataram o impacto das cenas, que trouxeram à tona reflexões sobre discriminação, desigualdade social e o papel da literatura na preservação da memória histórica.

A atividade de encerramento da eletiva também se destacou pela sua relevância, envolvendo a leitura das cartas elaboradas pelos estudantes em homenagem a Carolina Maria de Jesus. Essa proposta pedagógica permitiu que os alunos expressassem, de forma subjetiva e pessoal, suas percepções sobre a trajetória da autora, seu legado e a importância de sua obra para a sociedade brasileira. Muitas cartas evidenciaram um profundo reconhecimento da luta de Carolina contra a marginalização e a invisibilidade social, bem como a inspiração que sua história proporcionou a cada estudante. Alguns alunos relataram como a leitura do *Diário de*

Bitita os fez refletir sobre suas próprias origens, desafios e sonhos, criando uma conexão genuína entre suas vivências e a história de Carolina.

Entre as cartas escritas pelos estudantes, destacou-se a seguinte:

"Minha querida Maria Carolina de Jesus Bitita,

Como está? Espero que esteja tudo bem contigo.

Seu relato sobre sua experiência de sofrimento e luta me tocou muito.

Você me inspirou a enfrentar as dificuldades da vida com mais força e esperança.

Seu exemplo de perseverança e coragem é uma lição para todos.

Você como mulher, negra, mãe solo e catadora de papelão foi uma das escritoras do Brasil mais lidas, e enfrentou muita discriminação na vida, mas não desistiu de lutar pelos seus direitos e pela sua dignidade, fazendo história através dos seus livros.

Você, que foi escritora brasileira com pouca instrução, destacou-se através dos seus relatos em forma de diário sobre sua dura e sofrida realidade. Você teve grande importância como uma das primeiras autoras negras publicadas no Brasil. O livro teve grande repercussão por ser a primeira obra sobre a favela feita por quem vivenciou tudo aquilo.

Venho através dessa carta agradecer por tudo que você fez pelo povo negro e periférico em toda a sua experiência." (Estudante da eletiva, 2º ano do Ensino Médio, 2023)

Foi uma aula emocionante, marcada por relatos pessoais, sentimentos de gratidão e um entendimento mais amplo da relevância da literatura como ferramenta de resistência e transformação social. O impacto da eletiva pôde ser percebido na maneira como os alunos passaram a enxergar a história a partir de perspectivas antes pouco exploradas, compreendendo a necessidade de valorizar e preservar as narrativas de grupos historicamente marginalizados.

A carta acima revela não apenas a sensibilidade da estudante diante da trajetória de Carolina, mas também o quanto essa leitura despertou consciência crítica e empatia. A estudante reconhece em Carolina uma figura de resistência, admiração e inspiração, o que evidencia o êxito da proposta em aproximar os alunos de figuras históricas que dialogam com suas realidades. Esse momento reafirmou a potência do ensino de História aliado à literatura como meio de despertar a consciência crítica e fortalecer identidades, preparando os estudantes para uma atuação mais ativa e reflexiva na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP) na Escola de Referência em Ensino Médio (EREM) Silva Jardim permitiu avaliar em que medida os objetivos do programa foram alcançados, bem como refletir sobre os limites e perspectivas futuras para o ensino de História a partir dessa vivência. A análise dessa experiência evidencia tanto os avanços conquistados quanto os desafios que ainda precisam ser superados para que a formação docente e o ensino de História alcancem seu potencial máximo.

No que tange ao cumprimento dos objetivos do PRP, a atividade proposta demonstrou um avanço significativo na articulação entre teoria e prática, proporcionando aos licenciandos uma experiência direta e enriquecedora no ambiente escolar. A disciplina eletiva "Diário de Bitita: Identidade e Memória" possibilitou o desenvolvimento de metodologias inovadoras e reflexões críticas sobre a história social e cultural do Brasil, favorecendo a construção de uma prática docente mais conectada com as demandas da educação básica. O envolvimento dos alunos nos debates e análises textuais evidenciou que a proposta conseguiu promover uma aprendizagem significativa, estimulando a reflexão sobre identidade, racismo, gênero e desigualdade social. Assim, o PRP cumpriu seu papel de fortalecer a formação docente ao criar um espaço de aprendizado colaborativo entre a universidade e a escola.

Entretanto, alguns limites foram identificados durante a execução da atividade. A estrutura do Novo Ensino Médio (NEM), com sua lógica de organização curricular fragmentada, impôs desafios à implementação de uma abordagem interdisciplinar e aprofundada das temáticas. A carga horária limitada da disciplina eletiva também restringiu a possibilidade de explorar com maior profundidade determinados conteúdos. Além disso, as dificuldades enfrentadas na escola, como a falta de recursos e a sobrecarga dos docentes, representam obstáculos que impactam diretamente a dinâmica pedagógica e o engajamento dos alunos.

Apesar desses desafios, a experiência proporcionada pelo PRP aponta perspectivas promissoras para o ensino de História. A adoção de metodologias que integrem literatura e história mostrou-se eficaz na ampliação do repertório cultural dos estudantes, além de contribuir para a valorização da memória e identidade de grupos historicamente marginalizados. A continuidade de projetos que incentivem práticas pedagógicas reflexivas e críticas pode potencializar o impacto da formação docente e ampliar as possibilidades de ensino na educação básica. Ademais, a articulação entre universidade e escola deve ser

constantemente fortalecida para garantir que a residência pedagógica continue a ser um espaço de troca e aprimoramento profissional. A construção de parcerias mais sólidas e o diálogo permanente entre os atores envolvidos são fundamentais para superar os desafios identificados e consolidar uma educação pública de qualidade.

A experiência na EREM Silva Jardim reforça a importância da residência docente como instrumento essencial para a formação de professores, permitindo que a prática docente seja construída a partir de uma vivência concreta e dialógica. Os desafios encontrados demonstram a necessidade de um planejamento contínuo e estratégias que busquem superar as limitações estruturais da escola e do currículo. A partir dessa experiência, reafirma-se a importância de práticas educativas que promovam um ensino de História crítico, inclusivo e alinhado às realidades e necessidades dos estudantes. O PRP, como política de formação docente, deve ser aprimorado e expandido, garantindo que mais licenciandos e escolas possam se beneficiar dessa experiência transformadora. Por fim, a educação básica precisa ser entendida como um espaço de construção de cidadania, onde o Ensino de História desempenha um papel central na formação de sujeitos críticos, conscientes de seu papel na sociedade e capazes de transformar suas realidades.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe (Org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. *Revista de teoria da história*, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010. Acesso em: 02 dez. 2024.
- BRASIL. Edital CAPES 06/2018 que dispõe sobre a Residência Pedagógica. 2018. Disponível em: <https://www.capes.gov.br>. Acesso em: 1 fev. 2022.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada, 2011.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001. Acesso em 25 nov. 2024.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.
- NEVES JUNIOR, Romildo Rodrigues. *Identidade e memória em “Diário de Bitita”, de Carolina Maria de Jesus* [livro eletrônico]: uma “história contada” acerca dos anos de 1920 a 1940, no interior do Brasil / Romildo Rodrigues Neves Junior. – Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021.
- PERNAMBUCO. Currículo de Pernambuco: ensino médio. Secretaria de Educação e Esportes, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Recife. 2021
- PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília: SECAD; SEPPIR, junho, 2009.
- SANTOS NETO, M. B. dos; ARAÚJO, M. L. F. Traçando linhas, construindo história: de onde vem a residência pedagógica? Tracing lines, building history: where does the pedagogical residency come from?. *Revista Cocar, [S. l.]*, v. 21, n. 39, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/8912>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- SEFFNER, F., MEINERZ, C. B., DE VARGAS GIL, C. Z., PACIEVITCH, C., & MULLET PEREIRA, N. (2016). Conexões entre escola e universidade: o PIBID e as estratégias de residência docente. *Revista História Hoje*, 4(8), 366–388. <https://doi.org/10.20949/rhhj.v4i8.201>. Acesso em: 09 dez. 2024.
- TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. 5ª edição.

UFRPE, Subprojeto da área de História. 2021

ANEXO. Regras para submissão da Revista História Hoje

A Revista História Hoje recebe, em fluxo contínuo, resenhas, entrevistas e artigos, para a seção de artigos avulsos e para as seções *E-Storia*, *Falando de História Hoje*, *História Hoje na Sala de Aula*. Os textos devem estar em língua portuguesa, espanhola, inglesa ou francesa.

1. A titulação mínima exigida para publicação na Revista História Hoje é a de mestre, com exceção da Seção História Hoje em Sala de Aula, que recebe artigos de graduados e mestrandos.
2. O(a) autor(a) que já tenha publicado na Revista História Hoje não poderá publicar no volume imediatamente subsequente. Ou seja, apenas no ano seguinte o autor pode voltar a submeter artigo na revista.
3. Todos os trabalhos devem ser apresentados sem qualquer marca de autoria, inclusive nos metadados do programa Word. O programa utilizado na elaboração do arquivo deve ser compatível para ser aberto no programa Word, do Windows. As imagens devem estar em até 300 dpi.
4. É necessária a inclusão do documento suplementar, que deve ser anexado na plataforma de submissão, contendo os dados completos do autor (nome, filiação institucional, titulação acadêmica, endereço institucional e *e-mail* para correspondência). Nesta mesma folha, o autor deve também declarar que o texto submetido é inédito, atestando que nunca foi publicado, e que não se encontra em processo de julgamento em nenhum outro periódico ou coletânea.
5. Caso o trabalho tenha apoio financeiro de alguma instituição, esta deverá ser mencionada.
6. As traduções devem vir acompanhadas de autorização formal do autor e do original do texto.
7. Os artigos (para todas as seções, excluindo Entrevista e Resenha) terão a extensão entre 5500 palavras a 8500 palavras (15 a 20 páginas em formato A4, sem contar as referências), digitadas em fonte Times New Roman 12, com espaço 1,5. As citações com mais de três linhas deverão ser feitas em destaque, com fonte 11 e recuo de 4 cm. Margens: superior e esquerda: 3,0 cm; inferior e direita: 2,0 cm.

Os artigos devem obrigatoriamente ser acompanhados de título em português e em inglês, resumo e abstract, de no máximo 10 linhas ou 140 palavras, 3 palavras-chave e 3 *keywords* e referências completas ao final do artigo.

7.1 – Ordem de apresentação dos textos deve ser a que se segue:

* Artigos escritos em língua portuguesa:

- a) Título, resumo e três palavras-chave.
- b) Obrigatoriamente título, resumo e palavras-chave em inglês e opcionalmente em espanhol.

* Artigos escritos em língua estrangeira:

- a) Título, resumo e palavras-chave no idioma original do artigo.
- b) Obrigatoriamente título, resumo e palavras-chave em inglês (se este não for o idioma original) e em português.

8. Citações e referências (bibliografia)

- A revista utiliza as normas da ABNT para citações e referências.

· As citações devem ser indicadas no texto pelo sistema de chamada autor-data.

· Citação de até três linhas: dentro do corpo do texto, entre aspas, fonte igual à do texto.

· Citação de mais de três linhas: fora do corpo do texto, fonte 11, recuo de 4 cm, sem aspas (ou qualquer outro destaque), espaçamento interlinear simples, margem direita igual à do texto.

- Nome do autor da obra, para os dois casos acima:

· No corpo do texto (grafia normal para nomes próprios). Exemplo: Segundo Mota (1997, p. 87), “O conhecimento acadêmico [...]”;

· Entre parênteses, sobrenome em CAIXA ALTA. Exemplo: “O conhecimento acadêmico [...]” (MOTA, 1997, p. 87).

9. As resenhas poderão ter entre 1.000 e 1.500 palavras, com título em português e em inglês. Fontes e margens seguem as mesmas normas dos artigos. Devem referir-se a livros nacionais publicados no mesmo ano ou no ano anterior ao da submissão, ou livros estrangeiros publicados nos últimos quatro anos. O título da resenha deve vir em português e em inglês.

10. As entrevistas devem ser relacionadas à História e seu ensino, formação docente em História, políticas públicas educacionais e/ou demais temas que estejam inseridos nos debates da área. O título da entrevista deve vir em português e em inglês, assim como uma breve apresentação do/a entrevistado/a.

11. Os textos para seção E-Storia devem constituir-se em artigos que relatem experiências ou sejam resultados de pesquisa sobre as relações possíveis entre o Ensino de História e as Tecnologias de Informação e Comunicação. As exigências formais são as mesmas aplicadas aos artigos, itens 7, 7.1 e 8.

12. Os textos para a seção História Hoje na Sala de Aula devem constituir-se em artigos sobre processos, dinâmicas, estratégias de ensino, procedimentos didáticos e/ou questões relacionadas ao Ensino de História em Sala de Aula – preferencialmente, propostos por professores que atuem na Educação Básica. As exigências formais são as mesmas aplicadas aos artigos, itens 7, 7.1 e 8.

13. Os textos para a seção Falando de História Hoje devem constituir-se em artigo sobre questões teóricas, conceituais e/ou metodológicas da área da História que sejam capazes de adensar e contribuir para o debate sobre o ensino de História. As exigências formais são as mesmas aplicadas aos artigos, itens 7, 7.1 e 8.

14. As submissões para a seção Bricolagens Históricas podem assumir formatos diversos (desenhos, tirinhas de histórias em quadrinhos, charges, poesias, canções, memes, cartuns, caricaturas, linhas de tempo, dentre outros). Junto ao material inédito produzido deverá ser encaminhada a apresentação do material destacando a articulação com o ensino de História e, se for o caso, as orientações e/ou sugestões para seu uso didático. A titulação mínima para essa seção, que não é indexada, é graduando. As exigências formais são as mesmas aplicadas aos artigos, itens 7, 7.1 e 8.

15. A publicação e os comentários a respeito de documentos inéditos seguirão as normas especificadas para os artigos.

16. As notas (organizadas por números e não símbolos ou letras) devem ser colocadas no final do texto, não ultrapassando o número de 30. Elas deverão ter cunho explicativo e serem imprescindíveis.

17. As Referências ao final do texto são obrigatórias e restritas aos autores, documentos, páginas da internet etc. referenciados no corpo do texto. Elas deverão ser listadas em ordem alfabética.

18. Normatização das referências bibliográficas, que devem constar ao final do texto:

Livro: SOBRENOME, Nome. *Título do livro em itálico*: subtítulo. Tradução. Edição. Cidade: Editora, ano.

Capítulo ou parte de livro: SOBRENOME, Nome. Título do capítulo ou parte do livro. In: SOBRENOME, Nome. *Título do livro em itálico*: subtítulo. Tradução. Edição. Cidade: Editora, ano. p.xxx-yyy. (página de início e de fim)

Artigo em periódico: SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Título do periódico em itálico*, Cidade: Editora, v.xx, n.xx, p.xxx-yyy, ano. (página de início e de fim). Disponível em: www.....; Acesso em: dd mmm. ano.

Trabalho acadêmico: SOBRENOME, Nome. *Título em itálico*: subtítulo. Dissertação/Tese (Mestrado/Doutorado em). Unidade, Instituição. Cidade, ano. np. Disponível em: Endereço eletrônico. Acesso em: dd mmm. ano.

Texto obtido na internet: SOBRENOME, Nome. Título. Data (se houver). Disponível em: www.....; Acesso em: dd mmm. ano.

Trabalho apresentado em evento: SOBRENOME, Nome. Título do trabalho. In: NOME DO EVENTO, número (se houver), ano, Local do evento. *Anais...* Local: Editora (se houver), ano. p.xxx-yyy. (página de início e de fim). Disponível em: www.....; Acesso em: dd mmm. ano.